

ANJO NEGRO E MEDÉIA NA SALA DE AULA (UMA APROXIMAÇÃO INTERTEXTUAL ENTRE NELSON RODRIGUES E EURÍPEDES)

Maria Marta dos Santos Silva NÓBREGA
Universidade Federal de Campina Grande - UCFG

RESUMO:

O trabalho descreve uma experiência com o texto dramático em uma turma de Teoria da Narrativa do Curso de Letras da UFCG, tendo como objeto de leitura, via júri simulado, as tragédias **Medéia**, de Eurípedes, e **Anjo Negro**, de Néelson Rodrigues. Antes de relatarmos a experiência, fizemos um pequeno exercício analítico das duas peças buscando comparar algumas semelhanças e diferenças, sobretudo, temáticas. O texto que nos serviu de aporte teórico foi Aristóteles (1966), para quem o espetáculo trágico mobilizava em nós, duas emoções básicas, o medo e a piedade.

PALAVRAS-CHAVES: Néelson Rodrigues, Teatro, ensino de literatura.

Uma breve noção do trágico

Na visão de Aristóteles (1966: 73), a tragédia seria "uma representação imitadora de uma ação [...] de certa grandeza, representada, [...] em linguagem elegante, e que, por meio da compaixão e do horror provoca o desencadeamento liberador de tais afetos." Mesmo não tendo se preocupado em elaborar uma teoria conceitual sobre a tragédia, Aristóteles voltou sua atenção para o efeito do espetáculo sobre o público. Para ele o espetáculo trágico para realizar-se como obra de arte deveria sempre provocar a *Katarsis* nos espectadores. Assistindo as terríveis dilacerações do herói trágico, sensibilizando-se com o horror que a vida dele se tornara, sentindo uma profunda compaixão pelo infausto que o destino reservara ao herói, o público deveria passar por uma espécie de exorcismo coletivo. Deste modo, a encenação dramática é vista como uma espécie de remédio da alma, propiciando as pessoas do auditório a expelirem suas próprias dores e sofrimentos ao assistirem o desenlace.

O trágico em Eurípedes e Néelson Rodrigues

A tragédia de *Medeia* está fundada na transmutação do amor em ódio mortal. A peça, escrita por Eurípedes e encenada em 431 a.C, enfatiza, segundo Brandão (1985), que as circunstâncias trágicas advindas ao homem não estão mais associadas a Moira, mas, origina-se no "demônio que habita em seu peito afinal: a paixão é mais forte que a razão" (*Op. Cit.:* 63).

O mito de Medéia está associado a dois outros: o do *Velocino de Ouro* e *Os Argonautas*. Medeia, filha do rei Eetes, de Cólquida e de Hécate recebeu instrução da mãe para a feitiçaria e o encantamento. Os argonautas, liderados por Jasão, foram à Cólquida em busca do velocino de ouro. O rei Eetes impôs quatro tarefas impossíveis de serem realizadas por um mortal. As tarefas foram: pôr o jugo e cornos de bronze em dois touros

de cujas narinas saiam fogo; lavrar um terreno virgem e semear os dentes de um dragão morto por Cadmo; matar os gigantes que nascessem desses dentes e, por fim, matar o dragão que servia de guarda ao velocino. Para a realização de todas essas tarefas, Jasão contou com o auxílio de um bálsamo, feito por Medeia, com suco de ervas mágicas que, untado no corpo, tornou-se invulnerável ao fogo e invencível aos outros obstáculos. Após o sucesso nas provas, Eetes recusou-se a entregar o velocino. Jasão foge, levando consigo Medeia e o velocino de ouro. Durante algum tempo, o casal viveu exilado em Corinto onde teve dois filhos. Jason, com sede de poder, apaixona-se por Creúsa, filha do rei Creonte. Sem hesitar, abandona Medeia e compromete-se casar com a princesa. A peça de Eurípedes contada – *in medias res* – inicia-se exatamente nesse ponto.

Já no Prólogo da peça, nas palavras de Ama, Eurípedes retrata Medeia – princesa de Cólquida - envolta num misto de lamentações, dor por ser traída pelo marido – Jasão, e ódio no olhar pelos filhos. A Ama, por conhecer a natureza impulsiva da princesa, tenta proteger as crianças ordenando-as a irem para casa a fim de fugirem do olhar furioso da mãe. No entanto, a ultrajada Medeia, ao mesmo tempo em que reclama da ingratidão de Jason por ela ter-lhe salvado a vida, quanto do abandono da casa paterna e de sua gente, também reflete acerca da condição de confinamento doméstico imposto às mulheres na Grécia Antiga.

Da leitura da peça, pode-se depreender a condição de estrangeira permitiu a Medeia romper com os valores sociais e ideológicos de uma sociedade machista e elitista, onde as mulheres ocupavam posição equivalente a de um escravo, no sentido de não poderem circular em lugares públicos e viverem sentenciadas ao silêncio. Não foi fácil essa ruptura. Há uma certa gradação no discurso de Medeia. Em vários momentos acompanhamos seu lamento no registro de suas ações na busca de “comprar” o marido. Mas as cenas de desequilíbrio interno, caracterizadoras de um personagem trágico, corroboram para definir o tom reflexivo de Medeia que ora duvida ora é contundente no comprimento do seu destino fatídico de feiticeira, cruel, sanguinolenta, culminando com a sua vingança fatal: matando os filhos estaria vingada da traição de Jasão.

No entanto, parece que a atitude de Medeia não pode mais ser considerada como uma vingança, nem podemos rotulá-la de assassina posto que, ao que parece, apenas para cumprir a tradição ela cumpriu sua Moira. Sua tarefa principal, seria, portanto, mudar o destino da história que estava reservado às mulheres, mesmo que para isso tenha que se prestar a ações aterrorizantes como o parricídio, infanticídio e o regicídio.

Se em Eurípedes a Moira justifica as ações violentas de Medeia, em Néelson Rodrigues, qual(is) impulso(s) interior ou exterior teria(m) levado Virgínia a cometer o infanticídio?

As peças de Néelson Rodrigues – com exceção de *Vestido de Noiva* – são (nas palavras do próprio autor) “desagradáveis” por serem “obras pestilentas, fétidas, capazes, por si sós, de produzir o tifo e a malária na platéia” (1993: 37). Dentre as obras chamadas “desagradáveis”, destaca-se uma trilogia de peças míticas composta por *Álbum de família* (1945), *Anjo Negro* (1946) e *Senhora dos Afogados* (1945). Desagradáveis ou não, o fato é que a riqueza temática (incesto, suicídio, adultério, assassinato, ciúme, loucura...) presente nas peças rodrigueanas permitiu a crítica teatral o eleger como o maior escritor da dramaturgia brasileira.

Anjo Negro tem como *script* a relação entre a branca Virgínia e o negro Ismael. A peça inicia com a morte do terceiro filho do casal, anunciada por um grupo de dez senhoras pretas “cuja função é por vezes proféticas” (RODRIGUES, 1993: 573) que, entre polêmicas sobre a cor, especulações sobre a morte, maldição e lamento, dialogam acerca da morte do terceiro filho do casal.

A denúncia do preconceito racial é patente. O próprio Ismael se auto-violenta ao não aceitar sua condição de negro. Como forma de compensar a cor, um dos personagens diz que Ismael é um “doutor de mão cheia”, mas “não fale em preto que ele se dana”, vaticina um dos coveiros. A rejeição a cor também é ratificada pelo seu irmão cego – Elias: “Quer ser branco, não perde a mania”. Na concepção de Ismael, sua mãe - negra - é a causadora de sua desgraça, por esta razão casa-se com Virgínia, branca e linda, acreditando que dela teria filhos brancos. O casamento não se deu de forma espontânea, mas resultou de uma violação sexual. Virgínia fora criada por uma tia que tinha três filhas solteironas. Apenas a mais nova iria se casar. Certo dia, a tia e as filhas saíram de casa, o noivo da prima chegou mais cedo e achando Virgínia sozinha, não resistiu e deu-lhe um beijo. A tia e a prima assistiram à cena. O noivo fugiu e a prima enforcou-se. Como vingança, a tia chamou Ismael (que já nutria uma paixão por Virgínia) para violentá-la. Em seguida, o médico comprou a casa em que esta morava, mandou a tia e as primas irem embora e casou com Virgínia que passou a viver em cárcere privado. No entanto, o quarto onde ocorreu o estupro permanece intacto, com os vestígios da violência ocorrida há oito anos. Dadas às condições do casamento, Virgínia sente-se violada todas as noites por Ismael.

Para vingar seu infortúnio, Virgínia fez um juramento que mataria todos os filhos que nascessem de Ismael. Por ocasião do velório de seu terceiro filho, apareceu Elias, o irmão cego e branco de Ismael que, seduzido por Virgínia, acaba por engravidá-la enquanto Ismael e todos da casa estavam no cemitério.

O que talvez haja de mais interessante e terrível em *Anjo Negro* não é apenas a intensidade dos conflitos interiores que levam as personagens a viverem angustiados e no desespero. É a frieza com que cada um se relaciona com o outro no espaço do castelo cercado por convenções e limitado pela própria mesquinharia das ambições dos personagens: o desejo de ser branco de Ismael, o desejo de Elias em deitar-se com a bela Virgínia e o desejo de Virgínia de ter filhos brancos.

Ao descobrir que fora traído, Ismael ameaça matar o filho que Virgínia espera. Ela, para dissuadi-lo, convence-o a matar o próprio irmão. Pouco antes do assassinato, Virgínia confessa a Elias que irá amar seu filho não com o amor de mãe, mas com o de uma mulher. Contrariando as expectativas, nasce uma menina, Ana Maria. Ainda bebê, Ismael cegou a criança a fim de que ela não visse sua negritude e ao mesmo tempo encarregou-se de incentivar – na criança – um sentimento de ódio pelos negros, embora fosse ele o único ser que ela conhecia e dialogava. Como se não bastasse a violência física (cegueira) e ideológica (preconceito racial), Ismael ainda comete uma terceira (a pedofilia, ou se considerarmos a relação pai x filha - o incesto).

Enquanto mãe e filha dialogam por três dias, Ismael constrói um mausoléu para lá viver intensamente o seu amor com Ana Maria. Com a revelação de Ana Maria, cria-se a progressão do patético – a partir da poética de Aristóteles (1966:45) –, aqui interpretado como ação destruidora e dolorosa que atinge o clímax da violência quando Ana Maria é trancafiada no mausoléu.

A partir deste ponto, estabelece-se uma nova comparação entre *Anjo Negro* e *Medéia*. Viu-se que na peça de Eurípedes o que levou a personagem a cometer o infanticídio foi a rejeição de Jason por Medéia. Em Nelson Rodrigues, a morte de Ana Maria acontece por uma razão semelhante. Virgínia agora não tem mais uma filha, e sim uma rival no amor. A idéia de ser definitivamente abandonada, impulsiona Virgínia a, dissimuladamente, declarar que ama o esposo e juntamente com ele encerram a filha no mausoléu. Assim, desta forma Virgínia cumpre a sua promessa de destruir tudo o que Ismael viesse a amar.

O laço afetivo que une Virgínia e Ismael parece ser formado de um material

especial: o sadomasoquismo. Há, sem dúvida, um forte elemento de atração contribuindo para conservá-los cada vez em dependência mútua. O que não parece haver é um sentimento vivo acompanhando e modificando semelhante dependência, para dar-lhe um caráter diferente, mais humano.

Embora a violência da peça envolva questões de natureza étnica, o conflito de *Anjo Negro* supera a história do indivíduo e do grupo que as personagens representam. A estilização do negro que se quer branco e da branca amante do negro intensifica a perspectiva trágica rodrigueana, por trazer à luz o conflito latente e transcendente entre o ser humano e uma ordem superior detentora do domínio sobre o homem que, movido pelo medo, o leva a não aceitar-se enquanto indivíduo. E, deste modo, impulsiona-o a violentar-se a si e ao outro.

Uma experiência de leitura comparada através do júri simulado

A escolha do júri simulado como técnica de leitura comparativa em sala de aula, teve como objetivo desenvolver no aluno habilidades analíticas dentro de uma situação teórica específica: os gêneros narrativos, no presente caso, a tragédia, enquanto manifestação do gênero dramático. Para dinamizar o trabalho, a iniciativa surgiu em resposta a uma indagação muito antiga dos docentes: como fazer alunos iniciantes do curso de Letras terem interesse na leitura de textos dramáticos visto que, pouco, ou nunca, são lidos durante a educação básica? A estratégia considerou, também, a linguagem do gênero, comumente em diálogo. A propositora de associar **Medéia** e **Anjo Negro** não foi difícil visto que as ações de assassinato praticadas pelas personagens constituem-se elementos de discussão em um júri.

A metodologia utilizada seguiu os seguintes passos: no início, os 23 alunos matriculados na disciplina foram orientados a realizarem individualmente a leitura das duas peças, buscando compreender o enredo, bem como a pesquisarem pela *internet* ou através de entrevistas com profissionais do meio jurídico, como se constitui um júri. Em seguida, os alunos, juntamente com a professora, definiram que tipo de papel cada estudante iria representar. Ficou definido quem atuaria como: juiz, relatores, advogados (defesa e acusação), promotor, testemunhas de defesa e de acusação, perícia, corpo de jurado, ré, agentes de segurança e público. Após essa tarefa foi concedido um prazo de 01 mês¹ para que os estudantes se preparassem teórica e metodologicamente buscando o empenho necessário para realização de uma performance de leitura das peças privilegiando os contextos de produção e de recepção.

Durante o momento de preparação, os alunos também leram textos teóricos acerca da tragédia e de procedimentos comparativos, de modo que pudessem entender melhor as ações de cada personagem, e a partir de aproximações e distanciamentos, respeitassem os limites de cada obra. Os textos teóricos indicados foram Brandão (1988), Samuel (1985) e Pascolati (in: Bonnici e Zolim (orgs.), 2009).

¹ A experiência foi realizada durante o semestre 2012.1. O prazo de preparação foi alterado em função da greve dos docentes que contribuiu, de certa forma, para uma dispersão dos estudantes. Finda a paralisação, toda a programação foi alterada, de modo que os alunos tiveram que apresentar a leitura da peça 20 dias após o retorno das aulas. Essa alteração teve uma implicação nos registros documentais da experiência: o que antes estava previsto para ser gravado em vídeo não aconteceu. Assim, todo o relato aqui descrito, limita-se à dados escritos em um diário de sala elaborado pela professora para este fim.

Ao iniciar a sessão de julgamento de Medeia, Virgínia e Ismael, a relatora² convoca todos os participantes para adentrarem ao recinto e desempenharem seu papel³. Em seguida, fez a leitura inicial dos crimes cometidos pelos acusados⁴. No caso de Medéia, foi lido um resumo de suas ações destacando que a história dessa personagem remonta ao século V a.C. Corinto é a cidade em que o crime ocorreu. Jason é casado com Medéia e tem dois filhos dessa união. Com sede de poder, apaixonou-se por Creúsa, filha do rei Creonte. Sem hesitar, abandona Medéia e compromete-se casar com a princesa. Por ter sido rejeitada, Medéia articula vingança contra o marido e culmina matando seus próprios filhos.

A trama construída em torno da personagem Virgínia também foi apresentada e gira em torno de sua relação com o negro Ismael. A relatora ao ler que o terceiro filho do casal foi assassinado, é interrompida pelo coro formado por um grupo de quatro alunas que, de posse do script da peça, leem a fala das dez senhoras pretas que dialogam⁵.

SENHORA (doce) – Um menino tão forte e tão lindo!
SENHORA (patética) – De repente morreu!
SENHORA (doce) – Moreninho, moreninho!
SENHORA – Moreno, não. Não era moreno!
SENHORA – Mulatinho disfarçado!
SENHORA (polêmica) – Preto!
SENHORA (polêmica) – Moreno!
SENHORA (polêmica) – Mulato!
SENHORA (em pânico) – Meu Deus do Céu, tenho medo de preto! Tenho medo, tenho medo!
SENHORA (enamorada) – Menino tão meigo, educado, triste!
SENHORA (encantada) – Sabia que ia morrer, chamou a morte!
SENHORA (na sua dor) – É o terceiro que morre. Aqui nenhum se cria!
SENHORA (num lamento) – Nenhum menino se cria!
SENHORA – Três já morreram. Com a mesma idade. Má vontade de Deus!
SENHORA – Dos anjos, má vontade dos anjos!
SENHORA – Ou é ventre da mãe que não presta!
SENHORA – Mulher branca, de útero negro!

Feita a leitura dos fatos que pesam contra os réus, o juiz os convoca para se pronunciarem. A ultrajada Medéia, ao mesmo tempo em que reclama tanto da ingratidão de Jason por ela lhe ter salvado a vida, quanto do abandono da casa paterna e de sua gente, também reflete acerca da condição de confinamento doméstico imposto às mulheres na Grécia Antiga e, em linguagem atual, faz menção à seguinte passagem da peça:

MEDÉIA – Mulheres de Corinto, saí do palácio para não merecer vossas reprovações, pois conheço muitos mortais, por havê-los visto com meus próprios

² Optamos por não identificar nominalmente os alunos que realizaram a experiência. Preferimos destacar sua participação a partir do papel correspondente a atores de um júri propriamente dito.

³ Considerando os limites desse texto, cumpre esclarecer que selecionamos apenas a atuação dos alunos que representarem o juiz, a relatora, réus, advogado de defesa e, eventualmente, o advogado de acusação e público.

⁴ Os resumos aqui expostos sofreram correções e adaptações na linguagem. A ordem de apresentação dos argumentos, no entanto, permanece.

⁵ Aqui transcrevo o diálogo respeitando sua escrita original constante em Rodrigues, 1993.

olhos ou por deles ter ouvido falar, que se fecharam em orgulhosa reserva, e que, por essa repugnância de aparecerem em público, adquiriram má fama de desdenhosa despreocupação. A justiça, com efeito, pouco esclarece no pensamento de seus semelhantes, eles os condenam à primeira vista, sem haverem sofrido por parte daqueles a menor ofensa. Mas é preciso que um estrangeiro se acomode aos costumes da cidade em que habita. (...) De todos os seres que respiram e que pensam, nós outras, as mulheres, somos as mais miseráveis. Precisamos primeiro comprar muito caro um marido, para depois termos nele um senhor absoluto da nossa pessoa, segundo flagelo ainda pior que o primeiro. (...) Eis a graça que vos peço: se eu encontrar um expediente, algum artifício, para vingar-me de meu esposo pelos males que sofri (para punir aquele que lhe deu a filha, e aquela que ele desposou), guardai segredo. A mulher é comumente temerosa, foge da luta, estremece à vista da arma; mas quando seu leito é ultrajado, não existe alma mais sedenta de sangue. (RODRIGUES, 1993: 25)

[.....] Que fazer? Falta-me coragem, ó mulheres, quando vejo o cândido olhar de meus filhos. Não, não poderei jamais. Adeus, funestos projetos meus! (...) Não! Pelos demônios vingadores, pelos deuses dos infernos, não será dito que terei deixado os meus filhos expostos aos ultrajes de meus inimigos. (É absolutamente preciso que eles morram e, pois que é preciso, sou eu que lhes darei a morte, como fui eu que lhes dei o dia). Acabou-se! O fim é inevitável. (RODRIGUES, 1993: 50)

Após esse momento de introspecção profunda, Medéia confessa como maquinou sua vingança contra Jason, matando a noiva, o futuro sogro e seus três filhos. Apelando para o corpo de jurados, parafraseia uma fala da personagem: “Se vocês estivessem no meu lugar, entenderiam minha dor e desespero. Se cometi uma atrocidade, a cólera em mim foi mais forte que a razão, é ela quem causa aos mortais as maiores desgraças”⁶.

Após o depoimento da ré, entram em cena os advogados de acusação, defesa e promotoria. Para a acusação e promotoria, o crime de Medéia foi premeditado e é digno de sentença máxima. Já para os argumentos da defesa apelam para a sensibilidade do corpo de jurados e tentando defendê-la, utiliza-se dos argumentos de Brandão (*Op. Cit.*: 70), questionando: trata-se de “uma criminosa comum? De uma louca? Talvez uma grande dor possa responder por ela.” Nesta argumentação, a defesa solicita ao juiz uma avaliação psíquica da personagem. Permissão concedida.

Virgínia, em seu depoimento, não ocultou o crime, mas atribuiu a sua atitude insana ao ciúme possessivo do marido. Não demonstrou arrependimento em ter traído o marido com o cunhado cego, ao contrário, sentia-se aliviada por ter gerado em sua ventre uma criança de outra linhagem étnica. Afirmou estar cansada do regime de prisão domiciliar em que vivia e não queria que seus filhos (os negros) tivessem o mesmo destino- a clausura doméstica. Assim, revela que o assassinato cometido teve dois fins: a libertação das crianças e a vingança contra Ismael. É interessante mencionar que, enquanto Virgínia prestava seu depoimento, na busca de tornar a apresentação mais próxima de um júri, um grupo de alunos representando o público exigiam a prisão preventiva da ré, causando certo tumulto na sessão, o que exigiu do juiz a suspensão do evento por algumas horas (simbolicamente). Quando do retorno das atividades, a promotoria e advogado de acusação, após ouvirem as testemunhas, dentre elas a tia de Virgínia e o cego Ismael, direcionaram suas arguições para a condenação da ré. Já o advogado de defesa, após ouvir o cego Ismael, optou pela solicitação de uma avaliação psíquica da ré.

Convém observar a perspectiva de proteção à mulher que os alunos expressaram durante a montagem do júri, sobretudo a partir do ponto de vista da defesa das personagens

⁶ Conferir citação original do texto em Eurípedes, 2007.

femininas. O mesmo destino não teve Ismael. Durante o seu depoimento, o próprio réu se encarregou de buscar, em vão, inocentar-se. Argumentou que sempre foi vítima de preconceito, negou os crimes contra seu irmão Elias - segundo ele, tanto a cegueira, na infância, quanto o tiro fatal após saber de seu envolvimento amoroso com Virgínia foram acidentais. Acerca da acusação de pedofilia, Ismael pondera e diz ter sido um momento de loucura, mas que, a mulher digna de seu amor era Virgínia, a quem dedicou sua vida inteira, inclusive sendo conivente dos crimes cometidos contra seus três filhos. Confessa que o amor à esposa é tão especial que justifica a construção do mausoléu para a morte de Ana Maria, como uma espécie de eliminação da única responsável pela infelicidade da mãe. Ismael só teve testemunhas de acusação, as de defesa não compareceram. As provas apresentadas pela promotoria durante a sessão foram as notas fiscais da garrafa de ácido e da caixa de projéteis calibre 38 compradas por Ismael para agredir Elias. Em função do depoimento do réu, das provas e do relato das testemunhas, os pontos de vista da acusação e promotoria assemelharam-se ao das outras acudas. O advogado de defesa, mesmo fazendo poucas ponderações subjetivas sobre a discriminação racial vigente no país durante a época dos crimes, reservou-se o direito de não interpelar seu cliente.

Após avaliação dos depoimentos, o corpo de jurados fez chegar às mãos do juiz a sugestão da seguinte sentença: Medéia e Virgínia deverão ser submetidas a tratamento psiquiátrico em manicômio judicial, conforme indicação constante no laudo da perícia oficial, e após sua recuperação, deverão pleitear uma reabilitação social. Já o destino de Ismael foi a reclusão em Penitenciária Máxima em virtude dos crimes de preconceito racial, assassinato em primeiro grau e a hediondez da pedofilia. Na ótica dos avaliadores, três princípios legais foram considerados: a Lei Maria da Penha para julgar Medéia e Virgínia, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) aplicado a infração de Ismael contra Ana Maria e a Lei 7.715, que define os crimes resultantes de preconceito de raça e de cor no País.

Após o relato da experiência sumariada acima, foi feita uma avaliação oral tendo como foco de discussão duas situações específicas: justificativa apresentada pelos alunos para algumas alterações nos *scripts* originais das peças e para a aplicabilidade penal dos réus, além de uma análise acerca da técnica de leitura utilizada.

Para o primeiro elemento de discussão, os alunos argumentaram que alteraram algumas partes dos textos levando em consideração o seu contexto de recepção que exigia experimentar a um só tempo aproximação e distanciamento dos fatos em função dos objetivos da leitura em articular teoria e prática. Cumpre lembrar que o conteúdo em estudo era a tragédia, enquanto exemplificação de gênero narrativo e o conceito de *Katharsis* aristotélico que pode provocar piedade e compaixão no espectador.

Para os alunos, Medéia cumpriu sua Moira: mudar o destino da história que estava reservado às mulheres. Assim, ela não seria uma assassina, e sim uma vítima do destino. Daí a escolha da Lei Maria da Penha para inocentar a personagem.

Com relação às escolhas da legislação para os “réus” do texto de Néelson Rodrigues, o fato de Virgínia ver diariamente o leito de sua violência sexual ocorrida a 08 anos, contribuiu para seu desequilíbrio psicológico, mobilizando-o para o adultério. Para os leitores da peça, a atitude de Virgínia provocou uma reação em Ismael, a de dissimulação. Eis a razão para sua condenação à penitenciária máxima. Acredito que aqui reside a atualização de leitura dos alunos. O texto rodrigueno não nos autoriza a rotular Ismael de dissimulado, no entanto, os alunos justificaram esse procedimento a uma necessidade de validar os direitos femininos prescritos em leis de proteção à mulher em função da violência doméstica.

Pode-se depreender que se a leitura em sala de aula, nesse contexto, se constituiu,

também, como um processo avaliativo, os alunos perceberam que para a efetiva realização desse processo, faz-se necessário considerar o nível de ensino (daí articulação teoria e prática) as proposituras da disciplina (o objeto de estudo) e as especificidades da formação leitora, revelada através da necessidade de procedimentos comparativos que respeitem os limites do texto.

REFERÊNCIAS:

ARISTÓTELES, Poética. Trad. e comentário de Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Globo, 1966.

BRANDÃO, Junito de Souza. Teatro Grego: tragédia e comédia. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

EURÍPEDES. Medéia. Trad. De Miroel Silveira e Junia Silveira Gonçalves. São Paulo: Martin Claret, 2007.

PASCOLARI, Sonia Aparecida. Operadores de leitura do texto dramático. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana. Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3ª ed. Re. e Ampl. Maringá: Eduem, 2009.

SAMUEL, Rogel. Literatura comparada. In SAMUEL, Rogel (org.). Manual de teoria literária. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 1985.

RODRIGUES, Nelson. Teatro completo: volume único (Organização geral e prefácio de Sábato Magaldi). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993.